



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



A ORALIDADE QUE ENSINA

Luciane Zaida F. da S. Viana (PROFLETRAS-UEMS/CAPES)¹
lucianezaida@gmail.com

Milsa Duarte Ramos Vaz (PROFLETRAS-UEMS/CAPES)¹
mrvaz@bol.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o ensino da oralidade na escola, especialmente com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, pois acredita-se que ensinar a oralidade não é ensinar a fala cotidiana. Abrange a linguagem formal. E é por isso que, como qualquer outro conteúdo curricular, deve ser ensinada na escola de forma planejada e sistematizada. Infelizmente, na educação atual a reflexão sobre a fala se restringe ao período de alfabetização. A preocupação com a ampliação na prática da oralidade dos alunos é muitas vezes deixada de lado nas séries seguintes do Ensino Fundamental e Médio. Mas precisa ser retomada. Para tanto, serão selecionados o gênero da atividade escrita proposta no ano de 2014: diário de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Oraís; Aprendizagem; Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Ainda hoje é bastante complicado saber dizer como a fala surgiu. Por ter uma natureza exclusiva, só conseguimos elucubrar sobre seu surgimento nos apontamentos, desenhos e outras marcas das deixadas pelos povos antigos.

A Linguística tem contribuído muito para desenvolver os estudos sobre a fala. Quando uma criança vem ao mundo é apresentado a ela tudo que existe e que está aí, não se faz necessário criar ou inventar nada. E grande parte desse mundo é representado pela linguagem, deixada como herança por nossos ancestrais: logo ao nascer as crianças aprendem a falar com as pessoas que as cercam e com elas também aprendem os significados pronunciados pela linguagem. O bebê emite sons, primeiramente sem significado, para depois aprender a significá-los para uma determinada comunidade linguística.

Neste sentido, a fala se mostra como uma construção humana e histórica com fins comunicativos, geradora de significados compartilhados entre os membros de uma mesma comunidade.

¹ Mestrandas do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede - PROFLETRAS / UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Campo Grande. Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado financiada pela Capes.



Na aprendizagem da fala, ocorrida por meio da maturação biológica e da interação do homem com o outro, muito mais que um conjunto de sons articulados, encontra-se significados, valores, modos diferentes de se vivenciar o mundo. Ao se pensar sobre a fala referiu-se primeiramente o que é reforçado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ao referir-se a esta modalidade no ensino de língua materna

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (PCN, 1999: 67)

Atualmente, os processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa têm passado por mudanças essenciais quanto à metodologia de ensino voltadas ao desenvolvimento das práticas de leitura, interpretação e produção de textos, oralidade, análise e reflexão linguística. No entanto, nem sempre se dá a mesma importância a todas estas práticas e, principalmente, a oralidade tem recebido pouca atenção da maioria dos professores do ensino fundamental II, que de certa forma ainda resistem em desenvolver atividades referentes à oralidade.

Por outro lado, percebe-se que uma nova realidade pode ser vista entre os professores de Língua Portuguesa, pois com os novos estudos sobre a importância de se trabalhar mais a oralidade em sala de aula tem provocado intensas reflexões sobre o assunto. Pode-se destacar que em um país tão grande como Brasil, rico quanto à diversidade cultural, social e principalmente linguística não pode deixar de ensinar aos estudantes a grande variedade linguística, que de norte a sul do país apresenta imensa riqueza de dizeres e modos de falares diferentes empregados nas mais diversas áreas de cada lugar do Brasil, desde uma comunidade, aldeia, assentamento, cidade, bairro, não importa o domínio discursivo, porque o que se vê são palavras, inúmeras palavras surgindo em meio a tanta diversidade.

Nesse aspecto, pode-se destacar tamanha oportunidade de se elaborar atividades com práticas orais que venham assegurar a ampliação do repertório linguístico dos educandos, uma vez que ao serem expostos a exercícios de prática oral contribua também para a construção de conhecimento da prática escrita.

Verificamos que a linguagem oral não é privilegiada na escola, pois o maior enfoque nos dias atuais é dado aos textos de linguagem escritos de diferentes gêneros textuais, mas não se podem desprestigiar os gêneros textuais orais, uma vez que também estão presentes diariamente em nosso cotidiano. Por isso, afirmamos que oralidade ensina.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



Objetivos

- Repensar a prática pedagógica em sala de aula quanto à oralidade;
- Desenvolver atividades destinadas a trabalhar conjuntamente as quatro práticas de ensino da Língua Portuguesa;
- Mostrar aos estudantes a importância que deve ser dada à oralidade por meio de seus textos;
- Refletir a respeito da ocorrência das diversas situações de emprego das convenções da língua.

Metodologia

Repensar o estudo de Língua Portuguesa não é tarefa fácil para o professor desta área, pois diante de tantas mudanças no ensino brasileiro salientamos a importância de se trabalhar conjuntamente as práticas de ensino: leitura, interpretação, produção de textos, análise e reflexão linguística sem esquecer também da oralidade. Por isso, propusemos uma atividade envolvendo leitura, produção de texto escrito (diário) a partir de uma prática de oralidade mostrada através dos relatos dos alunos, principalmente, quando mostra algumas marcas de oralidade.

Após estas atividades poderia inclusive proceder a escolha de um texto da turma para ser reescrito na lousa = produção de texto coletivo (oralidade x escrita). Outra possibilidade seria a produção de outros gêneros, tais como: entrevista, debate, relatório, dentre outros.

Corpus

Nesta pesquisa foram utilizados os textos de dois alunos do 8º ano que foram serem selecionados aleatoriamente.

Estado da Arte



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



Segundo Fávero, a vida em sociedade permite o conhecimento e o reconhecimento de duas modalidades de produção linguística, a oral e a escrita. Assim nos faz refletir que um estudante ao adentrar uma sala de aula já tem muitos conhecimentos desses modelos. Porém o que sempre acontece é que, na maioria dos casos, não se expõe essa criança a reflexões sobre o processamento de cada uma das modalidades e assim o período escolar avança, mas o aprendiz não sabe discernir as especificidades de uma ou de outra.

Portanto, a aquisição da fala de cada indivíduo se dá muito antes da criança ingressar na escola. Essa instituição não ensina língua falada a nenhum falante de Língua Portuguesa esse fato é constatado na obra *O Texto na Sala de Aula* em:

Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas.

Essa afirmação fica quase óbvia se pensarmos em como uma criança aprende a falar com os Adultos com quem convive e com seus colegas de brinquedo e interação em geral. O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas. (Geraldi, 2011, p. 36)

Desta forma, podemos dizer que se a criança não tiver o contato com os outros e com o mundo ficará fadada a usar apenas um vocabulário corriqueiro e sem nenhum avanço e a escola por sua vez tem papel fundamental para que essa linguagem oral seja eficaz de acordo com a necessidade dos estudantes em diferentes momentos de sua vida. Desse modo, a fala deixará de ser espontaneísta, relaxada e descuidada, passando a ser proferida de acordo com o contexto interacional no qual está inserida. Assim, ao assumir essa perspectiva interativa, a oralidade na escola deve atentar-se para algumas distinções como: reconhecimento da importância da interação, unidade e coerência temática, diferenças entre a fala e a escrita, trabalho e tarefas com os diferentes gêneros e tipos textuais, atenção para os aspectos suprasegmentais e para o aperfeiçoamento da habilidade de escuta.

Desse modo, é de suma importância que o docente, ao trabalhar com a oralidade, leve o estudante a entender sua função social. Tal enfoque conduz o aluno a examinar os gêneros de acordo com seus interesses.

O tratamento das práticas de linguagem oral e a necessidade de um trabalho contínuo e organizado com essas práticas na escola é uma das questões que atualmente merece atenção de linguistas e educadores, pois estão relacionados ao julgamento do atividade verbal insatisfatório de alunos do Ensino Fundamental das escolas brasileiras, especialmente em Mato Grosso do Sul. Pais e professores das distintas disciplinas



declaram, abertamente, que o estudante (filho) não sabe falar e que, ao fazê-lo, resulta numa “fala pobre e inexpressiva, desguarnecida de conteúdo verbal e esvaziada de sentido”.

Geraldi (1997, p. 117) expõe que “na escola atual, o ensino começa pela síntese, pelas definições, pelas generalizações, pelas regras abstratas” e esse padrão de ensino produz como resultado uma falsa inquietação de ensinar a língua “viva” tendo por base “os idiomas extintos, dos quais só pelos livros se pode adquirir o cabedal”. Nessa perspectiva, o sistema de ensino que atualmente está em vigor nas escolas brasileiras é aquele que assume o ensino de língua atrelado ao estudo da Gramática, cujas regras são extraídas de textos literários considerados como “modelos” de bem falar e escrever. Ainda não se tem uma prática voltada a um ensino que tenha como base o texto do próprio estudante, para o ensino da gramática.

Mas, vale a pena citar ainda uma afirmação:

[...] São poucos os casos de tratamento dos gêneros de maneira sistemática. Lentamente, surgem novas perspectivas e novas abordagens que incluem até mesmo aspectos da oralidade. Mas os gêneros orais em geral ainda não são tratados de modo sistemático. Apenas alguns, de modo particular os mais formais, são lembrados em suas características básicas. (Marcuschi, 2008, p. 207)

A citação acima nos faz compreender melhor que o trabalho com a oralidade não significa apenas pedir ao aluno que leia, o que é muito difícil para os educadores compreender, pois acreditam que o fato de ler em voz alta já é uma atividade de oralidade. Porém sabemos que essa abordagem não passa de um grave erro, ou seja, à de reduzir a oralidade em uma fala cotidiana como se fosse um “bate-papo” ou conversas informais do dia-a-dia. Mas, no que diz respeito à “linguagem oral” podemos dizer que há um variado número de gêneros como a entrevista, os debates, exposições, diálogos com autoridades e ainda as dramatizações.

De acordo com o psicólogo suíço Bernard Schneuwly "Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais". Considerado um dos maiores conhecedores sobre o Desenvolvimento da oralidade, ele defende que os gêneros da fala têm aplicação direta em vários campos da vida social - o do trabalho, o das relações interpessoais e o da política, por exemplo.

Tome-se aqui a concepção de linguagem:

A linguagem é forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (Geraldi, 2011, p. 41)

Assim, acreditamos que para desenvolver este tipo de enfoque no ensino de língua materna, o professor precisa preocupar-se em prever e avaliar suas concepções, objetivos, procedimentos e resultados de seu trabalho com o intuito de conseguir ampliar a competência comunicativa de seus alunos.

De acordo com Travaglia (2009) as pessoas que têm certo domínio da competência comunicativa possui melhor qualidade de vida, porque conseguem se defender e argumentar em suas próprias causas, além de não sofrerem com o preconceito linguístico que é evidente em muitos lugares da sociedade brasileira. Para apropriar-se de algo relevante para a vida de cada um é preciso saber por meio da linguagem conquistar e atingir os objetivos desejados.

Para tanto, o falante deve adequar a língua falada e escrita conforme a necessidade, mais formal ou menos formal a fim de atender suas necessidades. Para que isto aconteça ele precisa de conhecimentos formais que a escola tem a obrigação de sistematizar ao longo da vida acadêmica desse estudante.

Esta questão inquieta muito os professores, pois ficam em dúvida sobre como ensinar determinados conceitos e é evidente que dependerá da concepção de língua e de como esses professores concebem o que é gramática, pois em determinadas situações fica difícil trabalhar aspectos da linguagem utilizando os conceitos antiquados os quais são difíceis de compreender ou ainda, nada oferecer para que os estudantes obtenham sucesso na escrita de textos mais elaborados. Ensinar a língua escrita e a produção de textos sempre foi um dos trabalhos da escola nas sociedades atuais, assim como a leitura sempre foi tanto atividade quanto objetivo do ensino, especialmente na área de Língua Portuguesa.

A oralidade que faz aprender

Ao retomarmos nossa vida acadêmica, de quando ainda estudávamos no antigo colegial, vamos nos lembrar de que o ensino de oralidade sempre esteve presente na sala de aula. O que mais acontecia era a correção. A forma mais comum era (e talvez ainda seja hoje) a correção quase que instintiva do que falávamos em nosso dia a dia, como "não é pra mim fazer, é pra eu fazer", "não se diz mais bom, se diz melhor" etc.

Outra forma apreciada de trabalhar com o oral em outras épocas era a memorização e declamação de poemas. Momentos difíceis e tristes, pois sentíamos aquele frio na barriga, o tremor nos lábios que dava por



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



ter de declamar, de memória, um poema para uma sala cheia de colegas prontos para caçoar de qualquer erro que cometessemos. Essa situação era própria para você detestar a poesia para sempre.

Já trabalhando como professora, lembramo-nos da situação em que solicitava aos alunos a leitura em voz alta. Considerava esse ensino muito importante, tanto que me obrigava a fazer o estudante que tinha maior dificuldade, a ler em voz alta numa sala silenciosa. Era automático o erro acontecia e os risos aflitos brotavam nos cantos das bocas. Tínhamos que olhar firme para segurá-los, e com esse olhar costurava as bocas tremulas dos alunos. É claro que os resultados não foram ruins, os alunos foram aprendendo a respeitar diferenças, muitos foram ganhando coragem para superar seus limites.

Era assim que se fazia para ensinar oralidade. Hoje, porém, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs - ressaltam que o ensino de Língua Portuguesa na escola deve explorar todos os modos em que a língua ocorre nas situações de comunicação, ou seja, a oralidade, a escrita, a leitura e a escuta. A oralidade adverte o documento, assume formas nas situações de comunicação que não são espontâneas nem estão restritas à declamação e à leitura em voz alta, muito menos à correção dos modos de falar. É preciso que elas sejam ensinadas e aprendidas, porque são manifestações culturais presentes nas relações sociais que exigem planejamento e organização prévios. Outra coisa importante quando trazemos o assunto ensino de oralidade para a conversa é lembrar que ele não precisa nem pode ser feito de forma isolada dos outros aspectos do ensino de língua.

Mesmo que as orientações dos PCNs já se tornaram conhecidas e as reflexões sobre ensino de língua tenham se arraigado e se espalhado de uma forma ou de outra pelo país, as práticas de ensino de oralidade realmente planejadas estão pouco presentes na sala de aula. Se nos perguntarmos por que isso sucede, nos depararemos com inúmeras respostas, das quais pelo menos três nos vêm à mente naturalmente: o tempo e sempre curto para compreender e aplicar novas práticas de ensino de leitura e escrita, não há tempo para a oralidade; a oralidade, como objeto de ensino, não é bastante conhecida; as competências de uso da oralidade são interpretadas como aquisição automática, ao contrário das capacidades de leitura e escrita, consideradas difíceis de serem construídas, mesmo com práticas de ensino cuidadosamente projetadas.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



O artigo de Claudemir Belintane, da Universidade de São Paulo, amplia a compreensão do ensino de oralidade e favorece o esclarecimento das respostas imediatas que podem nos vir à mente quando pensamos sobre o assunto. Revela por que considera os gêneros orais importantes objetos de ensino:

A relevância e a produtividade pragmática da língua oral no mundo contemporâneo podem ser facilmente percebidas nas mídias, nas demandas postas por uma vasta gama de profissões, no uso político da fala e até mesmo nos jogos, brincadeiras e interações cotidianas (piadas, jogos de palavras, chistes), nas quais os desejos de jovens e de adultos tecem e entretecem suas subjetividades e, por meio delas, fortalecem ou enfraquecem suas possibilidades de participação social. Sua importância é tão evidente que constitui um desafio enumerar ou mesmo classificar a infinidade de gêneros dos quais o trabalho, as diversões e as artes contemporâneas lançam mão. (BELITANE, 2011)

Vale a pena retomar cuidadosamente a citação acima e fazer uma pequena reflexão sobre o que escreveu no final desse parágrafo: "sua importância é tão evidente que constitui um desafio enumerar ou mesmo classificar a infinidade de gêneros dos quais o trabalho, as diversões e as artes contemporâneas lançam mão." Realmente é infindável o que podemos ver. Todos os gêneros orais usados no trabalho, nas diversões e nas artes! É só olhar a mais comum das mídias, a TV, e ver a quantidade de marcas orais que podem ser trabalhadas em sala de aula.

É preciso compreender que para que os estudantes aprendam a escrever faz-se necessário antes de tudo trabalhar com a oralidade, porque a oralidade, a fala, é mais corporal, mais direta, mais fascinante e fácil de manipular. Quando o professor entra direto na escrita, os estudantes apresentam dificuldades. Se levar certo tempo para compreender a escrita já é tido como aluno que não aprende. Com isso a tendência é resistir à leitura e se perdurar por mais de dois anos certamente chegará ao ponto de dizer que não vai mais a escola e que não quer aprender a ler.

Para esses estudantes o que mais interessa é saber copiar da lousa. A cópia os torna estudantes de verdade. Querem esta atividade e reclamam quando o professor propõe outra que exige deles outra postura. Como é bastante cômodo para o professor ele continua com a atividade de cópia, a sala permanece em silêncio e por mais incrível que pareça é nesse momento que os estudantes se firmam como sujeito-aluno.

Além disso, muitos professores trabalham com textos orais e depois dão um tempo para os alunos copiarem o texto que foi trabalhado na oralidade e reforça ainda mais que é preciso fazer bom uso da cópia.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



É preciso reverter esta situação Instruir os professores para que primeiro apresentassem oralmente. Para resgatar a importância do tema é relevante investir na abordagem sistemática e incansável. É preciso que a estratégia que deve permear todas as áreas do conhecimento é iniciar o trabalho pelas situações comunicativas praticadas naturalmente em sala de aula. Nessa estratégia pode ser incluído o seminário, porque não é uma prática destinada a área de Língua Portuguesa, mas sim de todas. Com isso, as pesquisas não se restringem apenas à entrega de uma folha escrita, e sim na forma de exposição oral.

Por meio dessa experiência habitual é perceptível que os estudantes avancem em todas as etapas do trabalho, levam mais a sério, passam a fazer pesquisas mais profundas, descobrem o que pode ser utilizado na apresentação e mostram mais desenvoltura na hora de expor o assunto, pois sabem que o trabalho seguirá várias etapas e todas elas com igual valor.

Em todo gênero, o principal é conseguir que ele faça sentido aos estudantes. Para tanto, o professor deve debater com a turma a finalidade da atividade. Esclarecer os motivos pelos quais farão a pesquisa, os critérios para selecionar o que aprenderam e merece ser apresentado, de que forma ele pode interessar ao público (colegas de sala), No caso, o seminário tem de ter um objetivo ou finalidade maior do que ser apenas uma apresentação, pois também pode tornar-se desanimante e fatigante... A melhor forma de conseguir bons resultados é acompanhar o aluno em todos os processos, desde o momento da discussão até a apresentação. No caso, é tarefa primordial do professor auxiliar os alunos na seleção de informações, pois a pesquisa não é apenas dar ctrl C, ctrl V (copiar e colar).

Análise dos dados

Pode-se observar que o estudo da oralidade em sala de aula a partir de um planejamento consciente do professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II precisa se adequar à realidade do aluno no que diz respeito às marcas de oralidade dominantes naquela região. Nesse aspecto, convém trabalhar também as variantes linguísticas, pois o estudante necessita saber as variedades existentes nas diversas regiões do país com seus diferentes falares.

Cabe neste momento, lembrar o que afirma Eglê Franchi em:

É necessário, ainda, lembrar que a linguagem se constrói e se interpreta em situações dialogais reais, isto é, quando o tema, o modo, a forma da conversa e a própria conversa resultam de uma conveniência

vital. É certo que se pode falar e escrever como se não houvesse interlocutores e sobre temas abstratos muito distantes do cotidiano da linguagem. Pode-se até “falar” sem falar, respondendo mecanicamente a questões rituais, e a escola é o exemplo mais claro disso. Infelizmente. Mas para que a linguagem se desenvolva, sobretudo com crianças, é fundamental que ela se enraíze na cotidianidade, na vida, em temas e questões que façam sentido no aqui e no agora. (FRANCHI, 2012, pp.43,44)

Se estamos tratando de linguagem oral consideramos propício analisar dois textos de alunos distintos, em que o primeiro é de um aprendiz do sexo masculino da 8ºano A de uma escola pública de Campo Grande/MS, que produziu seu texto escrito assim:

Texto 1

No dia 12 de novembro, acordei e fui me **arruma** para ir a escola, na escola eu meu amigo Ronald fomos ao setor da suína para fazer a pratica.

Fomos limpar os cochos para por as rações aos porcos, depois ajudamos o professor a limpar umas baias dos porcos e nesse período **começo** a chover muito **ai o** professor resolveu levar-nos no aviário e esperar a chuva passar, e logo após fomos embora **PARA ONDE?**

Na escola nós fazemos a pratica no dia de quarta feira e cada grupo de mais ou menos 5 pessoas vão em cada setor **faze a praticas**, lá nos carpimos só ou limpamos.

ANDERSON

Após receber o texto do aluno, a professora fez as observações a seguir para auxiliá-lo no momento em que recebesse a sua produção escrita de volta e fosse realizar a retextualização, dessa forma podemos afirmar que a oralidade pode certamente ensinar também os estudantes a descobrirem os caminhos para se chegar ao acerto, ou seja, para adquirir conhecimentos.

NÃO ESCREVA COMO SE VOCÊ ESTIVESSE FALANDO,
POIS A ESCRITA É BEM DIFERENTE:

EX. FUI ME ARRUMA – ESTÁ OK NA FALA.

NA ESCRITA TEM QUE FICAR ASSIM: ARRUMEI-ME. **SE COLOCAR O VERBO IR** FICARIA ASSIM: FUI ARRUMAR-ME.

POR FAVOR, MELHORE OS TEXTOS ACRESCENTANDO
IDEIAS E AS REORGANIZANDO.

PROFESSORA

Observações da
professora

Nessas observações, percebe-se que a professora mostra ao estudante a diferença de se utilizar a língua oral e aponta com exemplo de seu texto onde a empregou e como deveria tê-la realizado, conforme as convenções da língua escrita. Com isso, a professora aproximou-se do aluno ao incentivá-lo a melhorar o texto de modo a adicionar novas ideias e a reorganizá-lo. Esta prática da professora estabelecer uma comunicação direta com o aprendiz por meio do gênero textual: bilhete permite esta aproximação entre os interlocutores, algo favorável na construção do conhecimento.

Por outro lado, vimos que a professora fez uso da língua escrita para mostrar ao aluno o que deveria ser melhorado no seu texto para que ele estivesse mais próximo do ideal esperado para aquela série. Além disso, ficaria difícil realizar a mesma correção utilizando somente a língua oral (foco desta pesquisa), pois geralmente uma sala de aula dos anos finais do ensino fundamental possui cerca de 30 ou mais alunos e realmente caberia mais de uma estratégia pedagógica para atender a todos os estudantes, uma vez que nem todos apresentarão os mesmos erros.

Mas, caso a grande maioria apresente as mesmas dificuldades poderia ser adotada uma prática também de correção coletiva em sala de aula, visto que o que se quer trabalhar melhor com os alunos é a língua oral.

Podemos apontar ainda os seguintes aspectos que poderiam ser abordados nesta aula com toda turma:

1.) O emprego dos verbos “arruma” (linha 1), “começo” (l. 4), “faze” (l.8)

Nestes casos, ocorreu uma apócope, ou seja, um apagamento no final de cada palavra escrita no texto, os quais reduziram os verbos, o que demonstra uma utilização da fala na escrita. Daí, a importância de se estudar a oralidade em sala de aula.

A partir destes exemplos é possível mostrar aos alunos que ficaria mais adequado se fossem empregados os verbos da seguinte maneira: arrumar (verbo no infinitivo), começou (verbo começar flexionado na 3ª pessoa do singular) e fazer (verbo no infinitivo).

2.) Verifica-se também a repetição de algumas expressões: na escola(linha 1), professor(linha 4), fomos (linhas 3,5), praticas (linhas 2,7,8).

3.) A falta de acentuação também prejudica a compreensão do texto como em: pratica = práticas, ai = aí.



4.) Ausência do sinal gráfico: til na marca de plural da palavra rações = rações.

Se considerarmos as observações feitas acima é possível afirmar que se faz necessário desenvolver atividades de oralidade às outras práticas de leitura, interpretação, produção de textos e análise linguística. Dado a esse fato, convém salientar que o ensino de Língua Portuguesa deve ser sempre voltado para desenvolver as quatro práticas de ensino citadas sem separá-las ao privilegiar esta ou aquela em detrimento da oralidade, pois geralmente é esta que é deixada de lado, quando o professor planeja e precisa selecionar, priorizar conteúdos em virtude de avaliações externas.

É necessário ensinar a Língua Portuguesa do 1º ao 9º ano sem desprestigiar a prática da oralidade em sala de aula. Cabe ao professor concentrar seus esforços na sua tarefa de ensinar sem ficar condicionado a atingir as metas, estatísticas estipuladas para serem alcançadas sem considerar que o principal está sendo deixado de lado: ensinar a ler e a interpretar os textos presentes na sociedade a qual o aluno está inserido. Porém, privilegia-se a produção textual.

2º texto: também é de um aluno do sexo masculino da mesma série.

Diário

No dia 5 de novembro acordei **tomei meu café escovei os dentes e fui para o ponto pegar o ônibus e cheguei na escola agente tinha saído na suíno cultura e o professor pediu para que agente carpisse um pequeno piquete** e depois fomos desentupir um cano que enche os tanques de peixe que estava cheio de lodo e mato e depois fomos passar veneno num mato e dar ração para os porcos e etc..

MAIS ATENÇÃO!!!!

VOCÊ MISTURA TUDO E ESCREVE COMO SE TIVESSE LENDO.

EX.: tomei meu café escovei os dentes e fui para o ponto pegar o ônibus e cheguei na escola **SEM A PONTUAÇÃO ADEQUADA.**

A gente tinha saído na suíno cultura e o professor pediu para que agente carpisse um pequeno piquete. **NA ESCRITA NÃO USAMOS AGENTE**

PROCURE A DIFERENÇA ENTRE A GENTE E AGENTE.

REFAÇA O TEXTO E SEJA MAIS MINUCIOSO E ORGANIZADO.

AS APENAS 5 LINHAS NÃO PODE SER CONSIDERADO UM TEXTO NO 8º ANO. ACRESCENTE IDEIAS E TAMBÉM REVEJA A PONTUAÇÃO.

CONFIO EM VOCÊ E ESPERO QUE MELHORE ESSA PRODUÇÃO.

Observações
da professora



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



É possível perceber nestas observações feitas pela professora que o aluno deveria buscar os conteúdos citados, para esclarecer suas dúvidas, uma vez que os conteúdos em destaque já são de conhecimento dos estudantes no 8º ano.

Ao solicitar que fossem mais detalhista e organizado, sugere que o mesmo estruture melhor o texto produzido por ele. Deixa claro ainda que 5 linhas não deve ser considerado para este gênero escolhido, tendo em vista que é esperado uma vasta produção com detalhes acerca do seu dia.

Nesse aspecto, percebe-se a importância de se trabalhar a oralidade em sala de aula podendo mostrar inclusive o emprego da pontuação, repetições de palavras que na língua oral é aceitável, todavia na língua escrita deve ser evitado.

Considerações Finais

Por ser a escola um lugar que trata exatamente com a formação dos cidadãos, precisa afinar-se com as exigências da sociedade, a fim de preparar os indivíduos para agirem nas diferentes situações comunicativas.

Com a escrita deste artigo, percebemos a necessidade de a escola trabalhar com atividades diferenciadas que enfoquem a oralidade dentro de situações concretas, para que o estudo de língua portuguesa torne-se significativo para os alunos quando eles se depararem com situações reais de uso da língua.

Assim, é preciso que o professor, ao trabalhar a língua falada, leve o aluno a compreender sua função social. Tal enfoque conduz o aluno a manejar os gêneros de acordo com seus interesses.

Tanto pais como professores reclamam da maneira como alunos se expressam oralmente e, portanto nos faz refletir que se faz necessário um trabalho contínuo e diário nas salas de aula desde o início do Ensino Fundamental até o ensino médio e que as atividades devem ser iniciadas com simplicidade e posteriormente ir gradativamente aumentando a exigência, especialmente nas apresentações para que o estudante perceba quão importante é saber se portar diante do público em diferentes situações de comunicação.

É fundamental que a escola não maquie esse ensino, mas que o aborde com seriedade e que ensine a língua viva e verdadeira e não aquela que parte de modelos estereotipados considerados como regra do bem



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



falar. É inevitável que se considere a oralidade com o mesmo nível de exigência da língua escrita, pois partindo sempre da oralidade provavelmente a escrita será muito melhor.

Para tanto, a equipe técnica da escola junto aos professores devem juntos decidir o quais gêneros orais trabalhar com cada turma e se necessário for recorrer a estudos sistemáticos para que fique muito claro ao corpo docente o que é realmente abordar a oralidade em sala e como fazê-lo.

Sabemos que o ensino da Língua Portuguesa vem passando por expressivas mudanças e que isto permite derivar práticas de linguagem distintas, mas ainda há a necessidade de atrair esforços cada vez maiores no que relacionados com os gêneros orais da linguagem.

Nesse sentido, inspiramo-nos em Dolz e Schneuwly (1996) para assumir, neste estudo, que a concepção de prática de linguagem é aquela associada ao funcionamento da linguagem no interior das práticas sociais. Isto quer dizer, adotando as palavras desses autores, que as práticas de linguagem são, “a uma só vez, o reflexo e o principal instrumento de interação social” (Dolz e Schneuwly 1996, p. 51).

Com isso, podemos recomendar que os episódios comunicativos mediados pelas atividades de linguagem compõem os lugares onde se dão as práticas de linguagem por meio de entidades empíricas que são os textos. Assim, “a aprendizagem da linguagem se dá, precisamente, no espaço situado entre as práticas e as atividades de linguagem” (Schneuwly & Dolz, 1997, p. 75) no interior das atividades sociais.

Portanto, para que os alunos saibam ler, escrever, falar e apresentar-se em público seja como entrevistado, entrevistador ou que esteja fazendo um seminário se faz necessário romper com a ideia de que a oralidade não deve ser ensinada nas escolas brasileiras.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. Rio de Janeiro, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



CASTILHO, A.T. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Contexto, 2003.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar Letrando: da oralidade à escrita.** 9ª edição, São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Da fala para a escrita.* São Paulo: Cortez, 1999.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **A oralidade e o ensino de língua:** uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português : múltiplos olhares.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/aluno.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática se usa na escola? Norma e uso na língua portuguesa.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Jânia M. **O espaço da oralidade na sala de aula.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEARLE, J. **Atos de fala.** São Paulo: Hucitec, 1984.

SCHNEUWLY, B. (1994). **Gêneros e tipos de discurso: Considerações psicológicas e ontogenéticas.** In: ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. S. (orgs. trads). *Gêneros Orais e Escritos na Escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004, pp. 21-40

SCHNEUWLY, B. (1997). **Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral.** In: ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. S. *Gêneros Orais.*

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Conhecimento linguístico e a elaboração de atividades de ensino/aprendizagem.** In *Anais do I Seminário Municipal de Literatura e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: Abordagens Metodológicas.* CD-Rom Uberlândia: EDUFU, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** ed., 14ª - São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Gramática ensino plural.** ed. 2ª - São Paulo: Cortez, 2004.